

**25ª Bienal de São Paulo:
uma busca inédita dos artistas
de Pato Branco PR.**

Marta Beatriz dos Santos Dall'Igna

Profª De História da Arte, Fundamentos e Métodos da Arte na
Educação dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda e
PedagogiaFADEP e-mail: martadalligna@qualinet.com.br

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo relatar a visita de 24 a 26 de maio de 2002 a 25ª Bienal de São Paulo, a qual levou o espectador através das mais diferenciadas formas artísticas à compreensão desse universo tão amplo e complexo quanto instigante, a necessidade de superação dos conflitos e dos antagonismos provocados pelas diversidades econômicas, sociais, éticas, religiosas. A luta pela preservação das identidades culturais, frente à tensão existente entre a manutenção da história, da memória de cada país e a promessa de integração. Como também abordar o sentido da arte nos espaços educacionais em uma releitura dos conteúdos e das práticas reflexivas.

Palavras-Chave: Arte; metrópole; contemporâneo

Abstract:

The present article stands for 25ª Bienal de São Paulo visiting, which took place at Ibirapuera Park from 24 to 26 May, 2002.

The greatest art show has taken the audience to multiple and different experiences related to art, even the understanding in such universe, which it is as complex as intriguing. It also shows the necessity above the overcoming conflicts, more than that, the contradictions provoked by the economic, social, ethics, religious differences. The present stroke focuses the preservation the cultural identities beyond the real pression between the history keeping and also the memory of each country in the hope of integration promise. Yet, it expresses the real meaning of the art at educational fields which is a second reading from the contents and practices reflectives.

Key Works: Arts; metropolis; modern.

O marco de uma nova forma de pensar e fazer a arte no Brasil foi a Semana de Arte Moderna em 1922, de 11 a 22 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Teve o objetivo de romper com o academicismo nas artes, nas letras renovando as idéias visando incutir no público uma concepção de espírito nacionalista, reivindicando a pesquisa estética e uma renovação e atualização da mentalidade brasileira em buscar novos padrões estéticos.

Em 1950 a arte brasileira contemporânea muda radicalmente predominando a abstração. Em 1951 é oficializada a 1ª Bienal de São Paulo com a arte contemporânea, o neo-concretismo, com grande participação de Lygia Clark e Tarcila do Amaral.

Tais mudanças reivindicadas de novos padrões estéticos por artistas como Lasar Segall, Di Cavalcanti, John Grazz, Osvald Golldi e Vicente do Rego

Monteiro, causaram grande choque nos espectadores e muitas de suas foram vaiadas. Assim, como o novo sempre causa impacto, na manifestação artística esse impacto é ainda maior, por não residir à preocupação de ter que justificasse tal impacto.

Mas isso se pode considerar aceitável enquanto movimento reacionário a mudanças.

Ilustrando ainda sobre a questão do impacto, é curioso saber que um dos nossos maiores escritores da literatura infantil, Monteiro Lobato, teceu críticas a inovações nas artes plásticas, mais especificamente, à obra da pintora Tarsila do Amaral, em 1917, gerando grande polêmica. Isso permite concluir que, em todas as épocas:

[...] há duas espécies de artistas: uma composta dos que vêm normalmente coisas, em consequência disso fazem arte pura guardando os eternos ritmos de vida das emoções estéticas os processos dos grandes mestres.

[...] a outra é formada pelos que vêm normalmente a natureza e a interpretam a luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes sugeridas de lá e cá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência, são frutos de fim de decadência: são frutos de estação bichados aos nascedouros [...] sejamos sinceros: Futurismo, Cubismo, Impressionismo e "tuttiquantti" não passam de outros tantos, vamos da arte caricatural. E a

extensão da caricatura onde não havia até agora penetrado¹.

A crítica só existe porque, apriori é causada um desconforto, é perceptível que Monteiro Lobato tenha sentido tal desconforto de seu imaginário a um novo modelo de imaginário, que buscava no instituído a resposta para o instituinte.

Mas de que imaginário estamos falando? O que são as dimensões do imaginário social? o que se sabe sobre o instituinte e o instituído? Como podemos perceber isso em nosso dia a dia?

Eis, que a arte possa explicar a tais questionamentos, ou melhor, esse mega evento, 25ª Bienal Internacional de São Paulo, pela primeira vez teve um curador estrangeiro, o alemão Alfons Hug trazendo todo o fôlego de provocação, recusando a idéia de crise no formato da representação por países. Admitia que o tema definido por ele, **as metrópoles**, de multifacetadas formas de expressar as mais diferentes linguagens de artistas, nacionais e internacionais, tem como desafio compor um mosaico com fragmentos expressivos que só a criação artística permite abstrair desse rico e inesgotável panorama cultural.

Ir “conferir” de perto, essa foi a palavra que impulsionou um pequeno grupo de artistas patobranquense, aquilo que até então era apenas o imaginário de cada um sobre o que é a magnitude e a capacidade humana na incessantemente necessidade de buscar o novo.

Despreocupados, depreendidos totalmente de qualquer julgamento crítico, lá estavam representadas linguagens plásticas, cinematográficas, sons,

¹ EDUCAÇÃO Artística Brasileira Universal Direção de Sérgio Baldassarini Junior. Perdizes – São Paulo: Agrovideo, 1997, volume VI (30 min); dublagem, color.; 19 mm.

imagens, esculturas e salas especiais, além de um serviço de monitoramento de profissionais da arte, professores da USP, Unesp e outras instituições comprometidas com a arte.

A experiência que a Bienal propicia aos sentidos tem muito da vivência das grandes metrópoles, um espetáculo contínuo, fragmentado e caótico e por vezes, tão intenso, que diante da impossibilidade de compreender senão o todo, ao menos o sentido de algumas coisas e fenômenos à volta, é comum a tendência ao auto-eclipsante.

A discussão sobre o que se retém desse mundo em fragmentos ocorreu por muitas vias nesta edição da Bienal.

Haja visto que, a maioria dos espaços visitados, além da 25ª Bienal, como a Fundação Itaú, Museu de Arte Moderna MAM e Fundação Armando Álvares Penteado FAAP que realizou a mostra dos artistas, Otto Dix em imagens que estão impressos o comentário ácido e a angústia silenciosa de Lasar Segall, imagens da Primeira Guerra Mundial, ambos com diálogo gráficos², explicitadas nas na filiação aos ideais expressionistas que compartilhavam.

Todas as exposições tinham propostas similares, passando ao espectador até mesmo um certo desconforto e inquietante questionamento interior, onde o diálogo interno de cada um, horas silenciava, horas buscava resposta a quem estivesse ao lado, mas nada os confortava, nem mesmo uma resposta vinda do outro espectador, pois cada pessoa faz uma linguagem única, assim como a própria arte, ela não tem que explicar nada, ela por si só já é um substantivo próprio, isso é claro, na relação de apreciação da obra de arte.

² Otto Dix e Lasar segall: Imagens da Guerra, Museu de Arte Brasileira – MAB – FAAP__ Fundação Armando Álvares Penteado SP. de 18/05 a 07/07 de 2002. www.fAAP.br

É imensurável que o próprio criador de sua obra tenha uma linguagem que transita entre o consciente e inconsciente, como muitas das obras expostas traziam uma história, às vezes poética, às vezes dramática às vezes cômica, às vezes impactante...

Neste jogo de quer entender, às vezes apenas quer sentir ou apenas contemplar, que nos leva a sair da racionalidade de um mundo pautado na barbárie, que tem se revestido de outras linguagens estéticas e signos que não permitem a imaginação fazer as sinapses dos sonhos, da criação, ou do que nos induz.

Muitos dos trabalhos de diferentes artistas do "mundo globalizado" tinham em comum o que é incomum no mundo da globalização, uma linguagem única, representada de diferentes formas texturas, volumes, cores, formas e tamanhos, era a linguagem do repúdio a caos do modelo pós-moderno, a arte contemporânea assim denominada, encarregou-se de fazer com a própria arte o exercício de desvelar a incerteza progressista. "*Os críticos culturais*" a chamaram, *sociedade espetáculo*, "*o reino dos impostores*", "*o mundo dos pseudossetentas*", e "*a cultura do simulacro*", *uma tela de fundo cultural de valores simulados, de cópias sem originais, de corpos sem órgãos* (Mc LAREN, 1992, p. 79)".

A esse espetáculo provocativo a reflexão do "ser" em meio ao caos, a 25ª Bienal de São Paulo, merece menção especial nesta análise, isso é mais que um manifesto artístico, é a própria arte fazendo arte em favor da humanidade, uma arte muito além do que se pode chamar de contemporâneo, uma arte retratada nos resultados "sonhados e idealizados como o progresso" da ciência e da tecnologia, do mundo informatizado.

Ao se observar à arte exposta em cada piso, a cada sala, a cada passo que o espectador avançava de encontro com uma obra, não era apenas um

momento de expectativa, era muito mais, era um espelho que nos refletia a nós mesmos... Onde estamos? Porque estamos? E para onde vamos?

A 25ª Bienal de São Paulo demonstrou ser muito mais que um enorme salão branco com uma arquitetura lindíssima de rampas e colunas que transpassam as passarelas. Estava lá, um imenso painel luminoso, aplicado em sua fachada lateral com a palavra **HOTEL**, grafada em néon vermelho, não que a obra de Oscar Niemeyer ganhou um outro destino, pois não se trata disso, aqui a arte foi mais ousada sim, a ironia de Carmela Gross, autora do trabalho, aposta na natureza dos signos, como se fossem parasitas, cujo simples contato com promete irremediavelmente seu hospedeiro.

A escolha da palavra **HOTEL**, não é uma palavra qualquer, escrita em caixa alta, confunde o cidadão comum, o comum na bienal é fugir do que é comum, a linguagem simbólica instiga a curiosidade de quem a lê, prvocou uma parada obrigatória, onde o repouso não era do corpo, mas da mente.

Tudo o que se apreciou ao longo de três andares e 50 mil metros quadrados, certamente marcou os olhares, e provocou grandes reflexões, como a representação da obra de Oscar Niemeyer representada pelo artista Huang Yang Ping/Shen Yuan, com a obra Flying Bowl, tigela redonda, localizada no primeiro piso, que só se fazia compreendida vista do segundo piso. Uma magnífica escultura _ instalação em madeira, terra vermelha e outros materiais que representavam no seu interior a favela, com 10 m de diâmetro, datada 2002.

O casal de artistas realizou uma escultura monumental. Ela retrata uma cidade imaginária, constituindo-se de dois universos reais, mas distantes entre si, a pureza da arquitetura modernista de Oscar Niermeyer em Brasília e a favela circundante. Muitas, muitas foram as obras, todas provocaram incalculáveis sentimentos a cada espectador, mas essa foi a que mais reportou ao caos que a

pós modernidade nos expõe ao puro e explícito processo de exclusão social, no qual Huang Yang, professor do programa de pesquisa do CCA Kitakyishu China, descreve de sua obra Flying Bowl:

[...] a 12ª cidade prometida leva a termo a torre de Tatlin e realiza a utopia dos construtivistas russos. Ela sacode o pó das velhas povoações e tira o argumento das mãos dos sociólogos. Supera a violência de Caracas, o azar de Berlim e evita o suicídio de Moscou. Partindo da cópia produz um original melhor.

Seus construtores projetam uma nova Brasília, mas sem o concreto armado e as rigorosas regras dos anos 60. A nossa cidade prometida é a única que escapa ao punho ameaçador que no fantasmático conto de Franz Kafka, "O Brasão da Cidade", aniquila a cada geração em cinco breves golpes sucessivos toda a laboriosa e vã obra humana.

Mas, a essência da mais perfeita arte, não é tentativa de conceituar esteticamente o que é belo.

O principal criador da estética contemporânea Immanuel Kant, já afirmava. [...] os nossos juízos estéticos tem fundamento subjetivo, dado que não se podem apoiar em conceitos determinados (KANT, 2000, p.71). O critério de beleza que nele se exprimem é o do prazer desinteressado que suscita a nossa adesão. Apesar de subjetivo, o juízo estético aspira à universalidade.

É lícito, a essa compreensão de Kant, a arte respondeu as representações das iconografias metropolitanas, da obra Flying Bowl é a resposta

perfeita a capital do Brasil, “essa cidade só pode ser pressentida, pois é feita de pura promessa”.

Mais que irradiar polêmicas, o gesto serviu para mostrar como as instituições, até mesmos aquelas que se quer mais de vanguarda, lidam aos trancos diante das propostas menos convencionais formuladas pelos artistas contemporâneos. Podemos admitir, artistas do interior, que grande parte das nossas produções são pensadas e concretizadas sob forte influencias do nosso contexto, que sofre forte influencia de um caráter decorativo, onde nosso poder de ousar muitas vezes não é compreendido, deixando de ser aceito.

Em síntese, foi a Bienal mais enxuta e menos ambiciosa (custou menos da metade do que as últimas três). O tema escolhido por Afons Hug __ as iconografias das grandes cidades __ se mostrou mais digerível do que os oferecidos, por exemplo, por seu colega Nelson Aguiar nas bienais de 1995 __ a explosão do suporte __ e 1997 __ (a desmaterialização da arte no final do milênio).

A trajetória continuará, prometendo para 2003 em Porto Alegre, a Bienal do Mercosul, e o alemão será um dos curadores assistentes e o paulista será o curador-chefe.

Na condição de artista plástica e educadora, é valido lembrar que, visitar a Bienal não é apenas um convite a apreciação da harmonia estética, é também um convite aos educadores que se preocupam em pesquisar a arte, seja ela clássica ou contemporânea é poder transitar e apropriar-se de outras imagens, mas de uma forma útil, desde que seja uma percepção diferente.

Levar uma obra de arte para a sala de aula significa ampliar as informações sobre os conteúdos estudados. Não é a biografia do artista que interessa, mas a pesquisa que ele faz, o processo de criação, o que ele esta

procurando discutir. A comparação com outros artistas, de tendências diversas, não deve ser feita apenas para o aluno compreender diferentes apologias de uma corrente, mas para o aluno compreender diferentes fragmentos de um contexto. A arte não pode ser a imagem refletida da realidade, mas o campo da percepção, da imaginação, de tudo que vai além do real. É antes de tudo descobrir o que está por detrás de uma obra, é o enigmático do instituído.

1 – Referências:

VERAS, Eduardo. **Bienal Vence os cinqüenta**. Segundo Caderno. Disponível em: e-mail: Eduardo.varas@zerohora.com.br

MARTINS, Miriam Celeste. **A arte explica a vida**. A Revista do Professor ESCOLA, SP.nº 151, abril de 2002.

BIENAL, 25ª Bienal de São Paulo. Disponível em: http://www.bienal_são_paulo.terra.com.br acessado em: 10 jun. 2002.

EDUCAÇÃO Artística Brasileira Universal Direção de Sérgio Baldassarini Junior. Perdizes – São Paulo: Agrovídeo, 1997, volume VI (30 min); dublagem, color.; 19 mm.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Ed. Martins Claret, 2001.

Otto, Dix e Lasar Segall: Imagens da Guerra, Museu de Arte Brasileira – MAN – FAAP SP. De 18 de maio a 07 de julho de 2002.